

CULTURA DE PARES: EXPERIÊNCIA NUMA ESCOLA DE PELOTAS

PAULO RENATO FERREIRA¹; ELEONICE RAUBACH²; RITA STAULLBAUM³;
ROGÉRIO WURDIG⁴

Universidade Federal de Pelotas-spr.ferreira@hotmail.com

Universidade Federal de Pelotas-eleonceraubach@hotmail.com

Universidade Federal de Pelotas- Ritacousen2014@gmail.com

Universidade Federal de Pelotas-orientador-rocwurdig@hotmail.com

1. APRESENTAÇÃO

Este trabalho tem como base as experiências desenvolvidas no “Projeto de Extensão Brincando na Escola”, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas (FaE/UFPe), durante o segundo semestre de 2016. O projeto tem como objetivo geral preservar e ampliar a cultura lúdica infantil e está vinculado à disciplina optativa “Práticas complementares ao Ensino Fundamental: brincando na escola” ofertada no curso de Pedagogia (FaE/UFPe). Excepcionalmente nesse período, o referido projeto foi articulado com outra disciplina do curso, Práticas Educativas V, ofertada no primeiro semestre de 2016/1, como uma forma de complementar os estudos sobre o brincar.

O palco desse trabalho foi numa Escola Estadual Ensino Fundamental Incompleto localizada no centro da cidade de Pelotas-RS, numa turma de segundo ano do ensino fundamental, com dezessete crianças, sendo oito meninos e nove meninas. A experiência marcou o início da nossa trajetória docente de forma bastante gratificante. Durante as observações e durante as práticas lúdicas desenvolvidas na escola, percebemos que as crianças “escolhiam” com quem brincar e as brincadeiras que queriam realizar. Compreendemos dessa forma, que, ali estava presente traços do que Corsaro, apud Seixas(2012) denomina cultura de pares, isto é, o conjunto estável de atividades ou rotinas, artefatos, valores e interesses que as crianças produzem e compartilham na interação com seus pares. A partir desse conceito, passamos a refletir durante todo o período que estivemos brincando com as crianças na escola.

2. DESENVOLVIMENTO

Primeiramente tomamos ciência do Projeto, dos principais objetivos e de informações gerais e complementares. Posteriormente foram compartilhadas experiências dos anos anteriores. Além disso, discutimos sobre a importância do planejamento para concretizar os objetivos do grupo dentro do projeto.

Na escola fomos acolhidos pela direção, pela professora titular e pelas crianças. Constatamos que o espaço físico disponível para as brincadeiras era bem restrito e isso poderia interferir no desenrolar das brincadeiras. Após a apresentação, pedimos que as crianças desenhasssem as brincadeiras que gostariam de fazer conosco durante os próximos encontros. A professora titular comentou sobre a importância de “resgatar as brincadeiras tradicionais para que sejam preservadas no imaginário das crianças”. Explicou que o avanço da tecnologia nos brinquedos “está, cada vez mais, individualizando a brincadeira, deixando o coletivo e as parcerias de lado. Conforme Almeida (2012) a essência do brincar não é um fazer como se, mas um fazer sempre de novo, é a transformação da experiência mais comovente em hábito. Esse passou a ser nosso objetivo durante o período que estivemos no projeto. Solicitamos, então, para orientar o nosso planejamento que as crianças desenhasssem as brincadeiras preferidas para que pudéssemos ter uma idéia de como e de que brincavam. Além disso, definimos que as aulas de brincar seriam desenvolvidas uma vez por semana, nas sextas-feiras, por um período de 30 minutos

No primeiro encontro propomos três brincadeiras: *a calçada é minha, não é do peru, elefante colorido e telefone sem fio*. Alguns meninos (quatro) se mostraram resistentes, desinteressados, alegando que preferiam “jogo de futebol”. Consideramos importante a manifestação destes alunos, pois, os mesmos apesar de crianças são sujeitos de direito, estudantes de escola pública manifestando sua vontade. Em outro momento encontro propomos outras brincadeiras, em maior número, passando de três para seis, sendo que uma não foi aceita por uma das meninas. Ela alegou que queria brincar de uma das brincadeiras nem com as demais crianças. Conversamos com a mesma sobre a importância que ela tinha para o grupo como um todo. Que ela deveria participar, pois, só assim descobriria o quão prazeroso seria a brincadeira e aliado a isso esta também iria lhe proporcionar um olhar diferente do que tinha antes em relação à brincadeira.

Aliada aos procedimentos que utilizamos para brincar com as crianças, é importante registrar que houve um período que estivemos distantes da escola em

função da greve do magistério público estadual. Esse distanciamento interrompeu o trabalho que estávamos procurando desenvolver com as crianças, especialmente e em relação aos vínculos e ao repertório de brincadeiras.

3. RESULTADOS

Nossas expectativas frente às ações desenvolvidas durante o trabalho, ficaram um pouco aquém do esperado. Acreditamos que este fato, deva-se a parada em função da greve do magistério, que acabou quebrando a rotina que havíamos estabelecido junto aos alunos. Com relação ao trabalho em grupo, as crianças aceitaram bem as brincadeiras, porém existia muita individualidade entre elas. Como por exemplo, não acordavam sobre as brincadeiras, brincavam sozinhas, não aceitavam escolhas coletivas. Nesse sentido, Antunes (1998) afirma que: “A criança não é um ser passivo que absorve tudo que lhe é apresentado, mas é, antes de tudo, um ser ativo em seu processo de aprendizagem”. Mesmo possuindo características iguais a outras crianças, cada ser é único em suas peculiaridades, o que o difere das demais e que interfere na maneira de como se relaciona com os outros.

Refletimos sobre a dificuldade das professoras em reconhecer a importância do brincar para as crianças. Há pouco incentivo para o brincar, está visível no espaço limitado e no curto tempo que as crianças têm para brincar. Parece que na sala de aula o conteúdo ainda é o mais valorizado. Pouco se observa de que repertório e com quem (parcerias) as crianças querem brincar. Ao longo das atividades procuramos ver com outros olhos as vontades e preferências das crianças, tanto que propúnhamos brincadeiras que não estavam no planejamento. Dessa forma, elas próprias puderam fazer suas regras e escolher com quem brincar. Através do diálogo valorizávamos a importância de todos brincassem com todos.

A temática cultura de pares é importante na formação das crianças tanto na escola quanto no contexto social no qual a criança está inserida. O brincar é complexo, não é inato, toda criança aprende a brincar com adultos, com outras crianças e com aqueles aos quais ela encontra maior afinidade. As manifestações infantis são provenientes de uma cultura própria das crianças. Suas expressões, nas variadas linguagens, decorrem da relação com a cultura que as cerca, ou seja, com os bens culturais que a sociedade disponibiliza para elas, o brincar é do ser humano, assim acreditamos que o brincar para a criança está como algo entre

o que é real e a fantasia, algo que vem do imaginário, que tem um valor simbólico para aquele momento.

Esta experiência remeteu-nos as nossas infâncias passadas, diferente das infâncias do século XXI. Acreditávamos que “tiraríamos de letra” o brincar por brincar com as crianças, porém nem sempre as crianças aceitavam brincar com as nossas brincadeiras. Esse “descompasso” ou “falta de sintonia” levou-nos a refletir sobre a prática, procurar ajuda da coordenação do projeto para, então, voltar à escola e conversar com os orientadores educacionais sobre o tempo de nossas vidas que disponibilizamos para brincar com as crianças.

4. AVALIAÇÃO

Ao finalizarmos a reflexão sobre a experiência de brincar com as crianças, identificamos algumas aprendizagens que serão importantes no futuro profissional. Aprendemos que o planejamento é essencial para desenvolver uma “boa atividade”; que é necessário dar voz às crianças e, por último, que a falta de espaço para o brincar na escola precisa ser discutido com a direção da escola, com as professoras e com as crianças. Além disso, seria importante organizar seminários e palestras com o intuito mudar, futuramente, essa realidade.

O retorno dado pelas crianças faz-nos pensar que desenvolvemos um adequado trabalho e cheio de esperança de que o projeto tenha continuidade para que outros estudantes possam experimentar todas as emoções que advêm da convivência com as crianças enquanto estão brincando.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Lucila Silva de. **Interações: Crianças, brincadeiras brasileiras e escola**: São Paulo, Blucher, 2012.

ANTUNES, Celso. **Manual de técnicas de dinâmica de grupo**. Petrópolis:Vozes, 1998.

SEIXAS, Angélica Amanda Campos. **Reprodução Interpretativa e Cultura de Pares nos Grupos de Brincadeira da Ilha dos Frades/BA** v. 43, n. 4, pp. 541-551, out./dez. 2012 (aqui acho que falta o nome da revista. É o nome da revista que fica em negrito)